

Brasil negociará com bancos em julho

JOSÉ CARLOS SANTANA
Correspondente

LONDRES — O alto executivo do Citibank e presidente do Comitê Assessor dos Bancos Credores nas negociações da dívida externa brasileira, William Rhodes, anunciou ontem na capital britânica que até meados de julho serão retomados os entendimentos para negociar o reescalonamento dos créditos de curto e médio prazos assumidos pelo Brasil no mercado financeiro internacional. Em Londres para participar do seminário realizado pelo Oxford Institute em conjunto com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), sobre a recuperação, investimentos e crescimento econômico na América Latina, Rhodes não perdeu tempo para elogiar o novo ministro da Economia do Brasil, Marcílio Marques Moreira: "Ele reúne todas as condições para desempenhar muito bem todas as funções que assumiu", afirmou o banqueiro americano.

Cauteloso com as palavras, ele não quis fazer nenhum comentário sobre as possíveis consequências das mudanças na equipe econômica brasileira, mas disse que o fato de Marcílio ser um diplomata com experiência e

um especialista em questões econômicas, por ter sido banqueiro, "é um fator importante". Rhodes pareceu interessado, nas conversas que teve com representantes de instituições financeiras brasileiras, presentes no Painters Hall, em saber como ficaria a situação do embaixador Jório Dauster, que chefia a equipe de negociadores do Brasil.

Sobre o acordo recém-alcançado pelo Brasil com os bancos credores, para pagamento dos juros atrasados, ele disse que os acertos finais deverão estar concluídos brevemente e espera para o final deste mês o pagamento da primeira parcela.

Rhodes comentou ainda que não concorda com aqueles que dizem que a questão da dívida externa latino-americana é um caso encerrado, porque há ainda muito o que discutir e resolver, especialmente com o Brasil e a Argentina. De qualquer forma, declarou-se otimista quanto ao andamento e aos resultados das futuras negociações com o governo brasileiro. "Nós esperamos resolver a questão sem maiores dificuldades", disse, "e acho que será assim porque há boa vontade de ambos os lados."